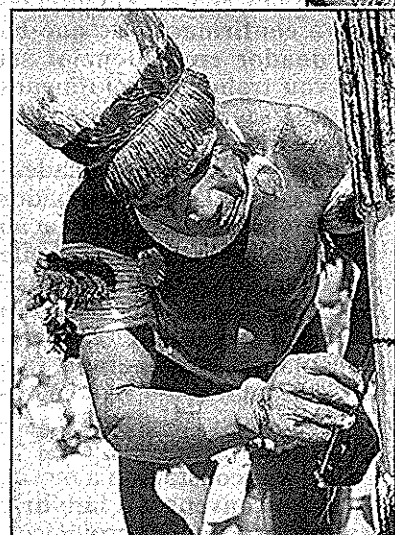


ANTROPOLOGIA

Esta reportagem inicia uma série de três publicações sobre o Parque Indígena do Xingu, reserva do Brasil Central. Com sua história de ocupação ainda pouco conhecida, o Xingu, criado pelos irmãos Villas-Bôas, reúne agora 17 das inúmeras etnias que, no passado, ocuparam essas terras.



Cantadores marcam o ritmo com maracas na cerimônia do quarup, na aldeia camaiurá. Abaixo, o pajé Iaulapiti, Couanumã, banha-se nas águas do Pavuru com as últimas luzes do sol poente



Tradições indígenas sobrevivem no Xingu

Parque criado pelos irmãos Villas-Bôas garante o espaço vital para 16 povos da floresta

ULISSES CAPOZOLI

XINGU - A luz vermelha do Sol baixo no horizonte cobre de uma mágica tonalidade o corpo do velho pajé Iaulapiti. Moraicá foi conhecido por este nome até o nascimento de seu neto, há três anos. Agora, é o garoto quem se chama Moraicá. O pajé mudou seu nome para Couanumã, seguindo um antigo costume de seu povo.

O velho índio ainda se confunde com seu novo nome. Num murmúrio, repete para si mesmo o som "Couanumã... couanumã..." enquanto retira os enfeites de embara que cobrem a parte inferior de suas pernas. Com movimentos leves de braços, imitando as asas de um pássaro, ele mergulha nas águas do Lago Pavuru, em cujas margens vivem, não se sabe há quanto tempo, seus anfitriões, os camaiurás.

O velho e seu neto são a prova do vigor do Parque Indígena do Xingu, reserva de 26 mil quilômetros quadrados - 30% maior que a área de Israel - onde vivem 16 etnias reunindo perto de 6 mil índios. Confinado entre cidades conhecidas pelo sugestivo nome de Bangue Bangue, como é o caso de São José do Xingu, e fazendas que trocam a polifonia da mata pelo mugido esporádico do gado zebu, o parque, mesmo com os problemas que tem, é a materialização de um projeto que, para muitos, não passaria de utopia.

Um dos problemas está no leito do Rio Xingu, que corta a reserva percorrendo suas águas de sul para norte. O desmatamento seguido da erosão faz com que um enorme volume de terra sufoque o rio. Em época de poucas chuvas, como ocorre entre maio e agosto, garças e jaburus caminham pelas águas apoiados em enormes bancos de areia. Para o movimento das balsas indígenas e mesmo embarcações de pequeno porte, impulsionadas por motores de popa, essas barreiras invisíveis são um enorme risco.

Pior que o perigo submerso é a poluição, como o esgoto urbano, trazida pelos rios que formam o caudaloso Xingu e têm suas nascentes situadas fora do parque. Por aí também desce outra ameaça invisível: o pesticida espalhado pelas fazendas.

Aritana Iaulapiti, o líder mais respeitado do Alto Xingu, tem as preocupações de um estadista. Mas ele próprio é uma metáfora do renascimento de seu povo. Os Iaulapitis, numerosos no passado, há meio século estavam à beira



O pajé Iaulapiti Couanumã banha-se no Lago Pavuru, junto à Aldeia Camaiurá. Seu nome era Moraicá, até o nascimento do neto, há três anos. Agora, é o garoto quem se chama Moraicá, seguindo um costume antigo de seu povo. Essa transmissão de avô para neto é sagrada entre os índios xinguanos. Mas eles se concedem a liberdade de trocar o nome quando desejarem. Couanumã, que fala português precariamente, é remanescente



de um povo que já foi numeroso no passado, mas quase se extinguiu há meio século. O desaparecimento de vários grupos indígenas, no Xingu, está relacionado a motivos que vão de guerras tribais a assassinato, além de contaminação por tuberculose. Em outras regiões do Brasil, índios foram propositalmente contaminados com a varíola por roupas de doentes deixadas estrategicamente em pontos frequentados por eles.

ra da extinção. Foi preciso que os irmãos Villas-Bôas estimulassem seu pai, Kanato, agora Paru, a raptar uma mulher camaiurá, Tipuri, para que sua gente começasse a renascer, somando hoje quase duas centenas de pessoas.

As marcas dos casamentos intertribais estão presentes na nova aldeia que os Iaulapitis erguem a menos de dez quilômetros do Posto Leonardo, a sede administrativa do Parque. O gavião real, confinado numa gaiola no centro da aldeia, é um símbolo txikão, índios nervosos atraídos pelos Villas-Bôas só em 1966.

FAZENDEIROS QUEREM INTRODUÇÃO DO TURISMO

As tentações são muitas no Xingu. O fazendeiro João Vicentini, dono da Uirapuru, com 42 quilômetros de divisa com o parque, é um dos que aceitam com propostas. Ele quer montar uma estrutura turística na propriedade, mas o sucesso depende de uma permissão para que seus futuros visitantes entrem em contato com os índios e conheçam suas aldeias.

Aritana não concorda e tem razões para isso. Com voz pausada e gestos de fazer inveja a oradores brancos, ele desfia suas razões: "Nossos jovens já são muito atraí-

dos pelas coisas dos brancos e, se vocês começarem a invadir nossas aldeias, mesmo para conhecer nossos costumes, certamente eles acabarão abandonando nossos valores e essa será a nossa morte."

Por trás das preocupações de Aritana e Tacumã, pajé camaiurá

e outro dos líderes do Alto Xingu, está o temor do futuro, algo que seus antepassados não tinham de se preocupar.

A criação do Parque Indígena do Xingu, obra dos irmãos Villas-Bôas, foi um desdobramento da conquista do Brasil Central, feita

pela expedição Roncador-Xingu que eles próprios lideraram, a partir de 1944. Orlando, o único remanescente dos três irmãos, retornou ao parque no mês passado para o quarup, cerimonial religioso em homenagem ao seu irmão Cláudio, morto em março.

Como Dee Brown escreveu em seu belíssimo livro *Enterrem Meu Coração na Curva do Rio*, onde conta a destruição de índios norte-americanos, Orlando, aos 84 anos, quer que seu corpo também descanse no parque quando morrer.

A chegada do sertanista ao parque indígena, após anos de afastamento, foi uma enorme comção. Os índios mais velhos, contatados por ele, choram emocionados. Sabem que, se estão vivos e respiram ao lado de seus filhos e netos, devem tudo a esse destemido "morá" (velho). Os mais jovens observam respeitosa-

VELHOS CHORAM A CHEGADA DO SERTANISTA

mente. A maior parte nunca se havia encontrado pessoalmente com um Villas-Bôas.

O ambiente, por algum tempo é completamente caótico. É sábado, 25 de julho, à tarde. Os índios xinguanos começaram a dança do quarup pela manhã. Havia harmo-

nia e tranquilidade na aldeia camaiurá até a chegada de um avião da FAB trazendo jornalistas. Pálidos, com suas bermudas urbanas, eles fazem um corpo a corpo e gritam uns com os outros para fotografar a chegada do sertanista, do presidente da Funai e do ministro da Justiça. O pajé Tacumã discretamente se afasta da aldeia. Os brancos não têm o refinamento dos índios e talvez nem o sábio Tacumã possa atinar porque eles são assim, aflitos, correndo todo o tempo atrás do tempo.

O ministro da Justiça, Renan Calheiros, faz um discurso vazio e, a pedido de Iris Rezen-de, que o antecedeu no ministério, "adverte" os índios a não queimarem a mata. É o refinamento da ironia. Ao lado do parque, o ex-ministro tem uma fazenda enorme, com grandes áreas desmatadas. Nas terras de seu irmão, Orlando, o espetáculo é ainda mais triste. Troncos negros e fumegantes mostram os efeitos do fogo recente ainda que, para isso tudo, haja uma banal justificativa econômica.

Leia amanhã: Quarup, um caminho que conduz ao céu

Gente delicada dorme sob um céu de estrelas

Relato de uma noite na maloca do casal Sagamo, Afualo e seu neto Nukula

Na maloca em que vamos dormir vivem Sagamo, Afualo - um casal de índios calapalos de aproximadamente 70 anos - e o neto deles, Nukula, que o avô chama carinhosamente de Caipira.

A noite está escura. Estamos subindo o Kuluene de barco e há duas horas batemos num tronco submerso. A hélice do motor de popa, antes de se soltar, passou uma

meia dúzia de vezes rente à cabeça do índio Urissé. Foi muita sorte que ele não tivesse se ferido gravemente. Não dá para continuarmos.

Quando entramos na maloca espaçosa e arejada - 20 metros de comprimento, 10 de largura e outros 8 de altura - Sagamo e Afualo já estão dormitando em suas redes à beira do fogo. A noite, que acontece nesta época do ano no Xingu, está aberta e gelada.

Sagamo e sua esposa acolhem-nos afetuosa e faz constrangido por perturbar a paz dessa gente delicada, sob um céu fulgurante de estrelas. Mas não temos escolha.

Sagamo aperta as mãos de Karim Veras, antropóloga que viaja conosco. Quer certificar-se de que ela não sente frio e recomenda que se aproxime do fogo vermelho que se alimenta de uma madeira perfumada. Oswaldo, o barqueiro, prepa-

ra uma sopa rápida que Caipira experimenta com prazer. Ele devolve a pequena tigeja lavada. É outro sinal de delicadeza que experimentamos nesta convivência de uma única noite com a família de Sagamo.

Afualo levantará várias vezes durante a noite para manter o fogo aceso. Essa é uma atribuição feminina entre os índios. Ela e Sagamo sussurram frases com preocupação de não nos incomodar. Pelas frestas da rede, vejo seu corpo esguio e nu deslocando-se com a facilidade de quem se desprende da gravidade, no meio da noite.

É impossível não sentir um profundo afeto por essa gente e a maneira como vivem. O teto da maloca recoberto com folha de palmeira é uma obra de arte, uma delicada estrutura combinando estética e eficiência térmica. Sou o último a acordar, quando

o Sol desponta no Leste. Caipira está encantado com minhas botas e o avô satisfaz sua curiosidade calcando-as e caminhando num pequeno círculo dentro da maloca. Atendendo o desejo, Sagamo bate cuidadosamente uma na outra para retirá-la de uma areia imaginária.

Depois de duas horas de viagem pelo rio e outras três por terra, chegamos a Canarana, cidade ao sul do parque. Como alguma coisa e saio atrás de compras insólitas: um vestido vermelho, bem do gosto indígena, um par de sandálias de borracha, um espelho, anzóis, linha de pesca, fósforo, sabonete e creme dental. Ponho tudo numa caixa e entrego a uma pessoa de confiança para que Sagamo receba o que para nós é pouco, mas para eles é quase um luxo. Espero especialmente que Afualo aprove o modelo de vestido que escolhi. (U.C.)

